ENTRE A PRODUÇÃO DE BÓTONS E A PEDAGOGIA DO ACONTECIMENTO: EXPERIÊNCIAS DO PIBID NO ENSINO FUNDAMENTAL I JUNTO AO CLUBINHO GRÁFICO

Jefferson Teixeira dos Santos[1], Leonardo Alcântara[1], Edna Coimbra Ribeiro[1], Carolina Rodrigues Lincoln-de-Carvalho[2], Tássio Acosta[1]

[1]Universidade Santa Cecília – Programa PIBID (CAPES)- Unisanta
[2] Universidade Santa Cecília – Coordenação Programa PIBID (CAPES)- Unisanta

E-mail: Jeffersontxa.pedagogia@gmail.com

RESUMO – A pesquisa, realizada no âmbito do PIBID em uma escola municipal de Santos-SP, analisou as contribuições da oficina pedagógica Clubinho Gráfico para o processo de ensino-aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Fundamentada nos Estudos Culturais em Educação e na perspectiva pós-crítica, a experiência promoveu a criatividade, a expressão artística, o trabalho coletivo e o protagonismo infantil por meio da produção de bótons. Os resultados evidenciaram o potencial das oficinas pedagógicas para fortalecer aprendizagens, ampliar formas de expressão, valorizar as diferenças e aproximar teoria e prática na formação inicial de professores.

Palavras-chave: PIBID; oficinas pedagógicas; Estudos Culturais em Educação; formação de professores; criatividade.

BETWEEN BUTTON MAKING AND THE PEDAGOGY OF THE EVENT: PIBID EXPERIENCES IN EARLY ELEMENTARY EDUCATION WITH THE "CLUBINHO GRÁFICO"

ABSTRACT – This study, conducted within the Institutional Scholarship Program for Teaching Initiation (PIBID) at a public school in Santos, São Paulo, analyzed the contributions of the Clubinho Gráfico *pedagogical workshop to the teaching and learning process in the early years of elementary education. Grounded in Cultural Studies in Education and a post-critical perspective, the experience fostered creativity, artistic expression, collaborative work, and children's agency through the production of personalized buttons. The findings highlight the potential of pedagogical workshops to strengthen learning, expand forms of expression, value diversity, and connect theory with practice in initial teacher education.*

Keywords: PIBID; pedagogical workshops; Cultural Studies in Education; teacher education; creativity.

1 INTRODUÇÃO[1]

Ao longo das últimas décadas, novas formas de experimentações das práticas pedagógicas vêm emergindo no bojo dos Estudos Culturais em Educação. A isso, justifica-se a necessidade de se repensar o cotidiano educacional a partir do desenvolvimento de ações que dialoguem com os interesses das crianças e adolescentes em vista de suas melhorias nas aprendizagens.

Criado em 2007, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) configura-se como uma ação integrante da Política Nacional de Formação de Professores, vinculada ao Ministério da Educação (MEC), cujo propósito central é estimular o ingresso dos licenciandos na prática docente. A iniciativa visa ao fortalecimento da formação inicial de professores em nível superior, além de contribuir para a qualificação do ensino oferecido pela educação básica pública brasileira. Logo, este trabalho deriva do PIBID nos Estudos Culturais em Educação.

Com o objetivo de melhor consolidar a formação inicial de professores, isto é, dos estudantes das licenciaturas, tem-se, como finalidade, a promoção da aproximação destes estudantes com o ambiente escolar da rede pública de educação básica, possibilitando a vivência do cotidiano escolar e favorecendo a integração entre os conhecimentos teóricos e as experiências práticas da docência.

O PIBID é estruturado em quatro níveis hierárquicos, são eles: o coordenador institucional, responsável pela gestão geral do programa na Instituição de Ensino Superior (IES), articulação com a Capes e garantia do cumprimento das diretrizes; o coordenador de área, incumbido do planejamento pedagógico do subprojeto, orientação dos bolsistas e articulação com as escolas parceiras; o professor supervisor, encarregado de acompanhar diretamente os licenciandos na escola básica, mediando a inserção na prática docente e orientando as atividades pedagógicas; e, por fim, os discentes dos cursos de licenciatura que buscam desenvolver o subprojeto aprovado pelo MEC e são inseridos nas práticas pedagógicas de ensino-aprendizagem.

Felicio (2014) ressalta a relevância do PIBID como "espaço para a efetiva relação entre a teoria e a prática na perspectiva da problematização, da reflexão–ação–reflexão, uma vez que a permanência do licenciando na escola acontece de forma mais perene" (p. 426) e sua presença constante na unidade educacional o possibilita de analisar de forma ampla e crítica o que é a escola na contemporaneidade.

[1] Número do Processo: 88887.110561/2025-00 (Migrado - EB)

O trabalho conjunto entre as universidades e as escolas básicas para a melhor formação dos futuros professores é de extrema importância porque permite que esta articulação esteja voltada à realidade local das instituições parceiras. Outrossim, entendemos que ambas as instituições têm o mesmo nível de relevância na formação dos PIBIDianos e que, trabalhando conjuntamente, estas têm capacidades de superar as adversidades encontradas no campo educacional.

A Unidade Municipal de Ensino (UME) na qual o projeto foi desenvolvido destaca-se por ser a primeira escola pública municipal da localidade. Segundo o portal Memória Santista (2014), a instituição tem origem na Sociedade Filantrópica Auxiliadora, fundada em 30 de agosto de 1878 com o objetivo de oferecer instrução gratuita à população, sendo posteriormente incorporada à rede municipal de ensino em 1º de agosto de 1914.

A partir de 2006, passou a atender alunos do 1º ao 5º ano do ensino fundamental. Já em 2010, a escola foi submetida a um processo abrangente de reforma e modernização estrutural, incluindo a implantação de recursos de inclusão digital, sendo reinaugurada e entregue à comunidade escolar em agosto de 2011.

Situada na região portuária de Santos-SP, a UME atende alunos que moram em seu entorno e, por estar localizada no mesmo espaço há muitos anos, desenvolveu-se uma relação próxima entre os responsáveis dos alunos e os funcionários da escola. Esta proximidade permitiu a atuação dos licenciandos em Pedagogia, de forma tal que foram incorporados ao cotidiano escolar e comunitário local.

Assim, foi com base nesse estreitamento relacional que se pôde desenvolver a oficina Clubinho Gráfico, a qual discutiremos, com base na teoria pós-crítica e nos Estudos Culturais em Educação (ECE), como este processo de ensino-aprendizagem se desenvolveu e quais foram os saldos desta prática.

2 APRENDIZAGENS COMO PRÁTICAS DE SI

A oficina Clubinho Gráfico foi realizada em uma turma do segundo ano do Ensino Fundamental I com o objetivo de estimular a criatividade e a expressão dos alunos por meio da produção de desenhos e *bottons* personalizados. Durante a atividade, os estudantes puderam criar, interagir e compartilhar suas produções, experimentando um ambiente de aprendizagem prático e colaborativo. Para compreender melhor os efeitos de oficinas pedagógicas no

aprendizado, realizou-se leituras e discussões prévias com base em artigos relevantes que abordam a prática.

Lins e Miyata (2008) analisam o desenvolvimento da criatividade no contexto educacional a partir da realização de uma oficina pedagógica, ressaltando que "criatividade e imagem mental são características importantes dos seres humanos e podem ser observadas no comportamento de diferentes pessoas" (p. 455) e que no ensino/educação, é um mundo onde a criatividade é muito estimulada sendo importante e deveria ser a área para aprofundar, buscando em todos os alunos o seu lado criativo, tanto o lado teórico como também na prática através e oficinas, por exemplo. Para os autores,

> A Educação é o outro mundo no qual a criatividade é considerada um importante objeto de estudo. Era de se esperar que o campo da Educação também investigasse este tema, tanto em suas especulações teóricas como em suas pesquisas e também na realização prática (Lins; Miyata, 2008, p. 457).

Esta relação entre teoria e prática no desenvolvimento da criatividade é o que entendemos como práticas de si, ou seja, as formas como os alunos vão se constituindo, ao mesmo tempo em que constroem seus entendimentos perante às aprendizagens que vão adquirindo - no caso, os bótons.

A implementação de uma oficina pedagógica composta por atividades que estimulam a experimentação, a resolução de desafios e a expressão criativa dos participantes é importante para que os alunos possam compreender as múltiplas linguagens existentes como ferramentas de aprendizagens. A proposta metodológica existente nas oficinas pedagógicas perpassa pela valorização da participação ativa dos alunos, a autonomia no processo de aprendizagem e a interação coletiva, elementos considerados fundamentais para a construção de um ambiente favorável à criação. Nesse contexto, Lins e Miyata (2008) destacam que o foco do estudo está na "avaliação da aprendizagem criativa" desenvolvida ao longo da oficina pedagógica (p. 461).

Entre os instrumentos usados nesta oficina, estão a observação dos alunos, a análise dos trabalhos que eles produziram e os registros feitos ao longo do processo que poderão ser vistos na próxima seção. Esses procedimentos mostram que a avaliação não se resume apenas a dar notas ou classificar resultados, mas serve para acompanhar continuamente a aprendizagem dos alunos.

Neste sentido, concordamos com Silva Junior (2025) quando, "em diálogo com a educação, um currículo dos afetos (ou para os afetos) estaria disposto a vivenciar o lado mais

imprevisível, ordinário e cotidiano da vida, abrindo-se as múltiplas possibilidades da imanência. (p.227). Este currículo-imagem, que se constroi nas oficinas pedagógicas de ação prática, permite que os alunos descubram habilidades não antes trabalhadas e que experienciem processos singulares de cognição.

Usar práticas pedagógicas que estimulem a criatividade dos alunos na escola tem potencialidades diversas para que os alunos conheçam a si mesmo a partir de produções manufaturadas, sobretudo em tempos de hiperconectividade digital. Ainda para Lins e Miyata (2008, 465), é preciso adotar propostas que considerem a criatividade durante o processo de aprendizagem, indo além das avaliações tradicionais e valorizando o caminho que cada aluno percorre ao longo da sua formação.

Mesmo que as avaliações internas e externas busquem mensurar as aprendizagens dos alunos em balizas previamente normalizadas como o padrão de qualidade a ser perseguido, como no caso da Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) e do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), sustentamos que estas mesmas balizas são incapazes de identificar e mensurar as singularidades e multiplicidades existentes nos sujeitos ali presentes. A isso decorre em virtude do excesso de objetividade existentes na BNCC e no Saeb, incapazes, portanto, de apreenderem as subjetividades tão presentes nos processos de ensino-aprendizagens.

Joaquim, Camargo e Martins (2020), ao analisarem a produção acadêmica sobre o uso das oficinas como estratégia pedagógica no contexto educacional e buscarem compreender os principais conceitos, características e contribuições dessa abordagem para os processos de ensino e aprendizagem, definiram as oficinas como uma “estratégia pedagógica” que articula teoria e prática por favorecer a participação ativa dos sujeitos no processo educativo

> As oficinas didáticas são, em geral, meios alternativos à exposição oral que caracteriza uma aula clássica. Embora algumas oficinas que compõem esta categoria ainda utilizem este recurso didático, a maioria delas parte de um experimento ou se dedica a ensinar como produzir algo, passo a passo, enquanto estratégia para fomentar a difusão de um conhecimento específico entre os participantes (Joaquim; Camargo; Martins, 2020, p. 11).

Os autores entendem a oficina pedagógica como uma metodologia ativa que favorece a participação dos sujeitos, a construção coletiva do conhecimento e a articulação entre teoria e prática. As oficinas são aqui compreendidas como espaços formativos que estimulam a reflexão e a experimentação, possibilitando o desenvolvimento de habilidades cognitivas, sociais e

criativas. Nessa direção, afirmam ainda que a oficina constitui um espaço de articulação entre teoria e prática, no qual os participantes assumem um papel ativo no processo educativo.

Por fim, os autores ressaltam que, apesar da relevância das oficinas no campo educacional, ainda há a necessidade de aprofundamento teórico e metodológico sobre o tema, especialmente no que se refere à sistematização das práticas e à avaliação dos processos formativos.

Tanto Lins e Miyata (2008) como Joaquim, Camargo e Martins (2020) evidenciam que a oficina pedagógica é tratada como uma estratégia relevante no processo de ensino e aprendizagem. Ambos reconhecem esse espaço como favorável à participação ativa dos alunos independente da idade, seja no ensino infantil, fundamental ou médio, à construção coletiva do conhecimento e a articulação entre teoria e prática. Foi então, com base na compreensão da importância da oficina pedagógica no processo de ensino-aprendizagem dos alunos que optamos em realizar esta ação no PIBID.

3 PEDAGOGIA DO ACONTECIMENTO

O Clubinho Gráfico é um laboratório de experimentação imagética em que o fazer manual e o processo gráfico se encontram de forma criativa e sensível. Tudo começa a partir do interesse dos participantes, transformando ideias em objetos únicos e incentivando a autonomia, o trabalho coletivo e as descobertas que surgem quando experiências e pensamentos se cruzam.

Quando o Clubinho Gráfico foi convidado para realizar a sua oficina na UME, buscou-se valorizar práticas pedagógicas outras pelo entendimento de que “os currículos culturais não escolares operam como força de deslocamento e tensionamento frente à lógica predominante do currículo escolar “tradicional”. (Camozzato, 2025, p. 35). Outrossim, tínhamos em mente que o trabalho manufaturado produzido pelas próprias crianças teria potencialidade de deslocar seus entendimentos perante a arte, o acaso e as formas de se expressarem.

Azevedo, Versutti e Scareli (2025) indicam que a arte, em suas múltiplas formas de expressão, apresenta-se sobremaneira com potencialidade de tensionar o belo a partir da subjetividade das pessoas que a produzem e também frente às pessoas que as veem. Ou seja, o seu caráter dialógico permitiu às crianças compreenderem as suas potências artísticas em uma escola em que o acesso aos bens culturais não é tão democrático como poderiam ser.

Ainda que alguns museus da região tenham dias e horários específicos com entradas gratuitas, isto não reflete a frequência dos alunos e seus familiares a estes espaços, sobretudo porque as rotinas laborais dos responsáveis das crianças tornam-se impeditivos para usufruem

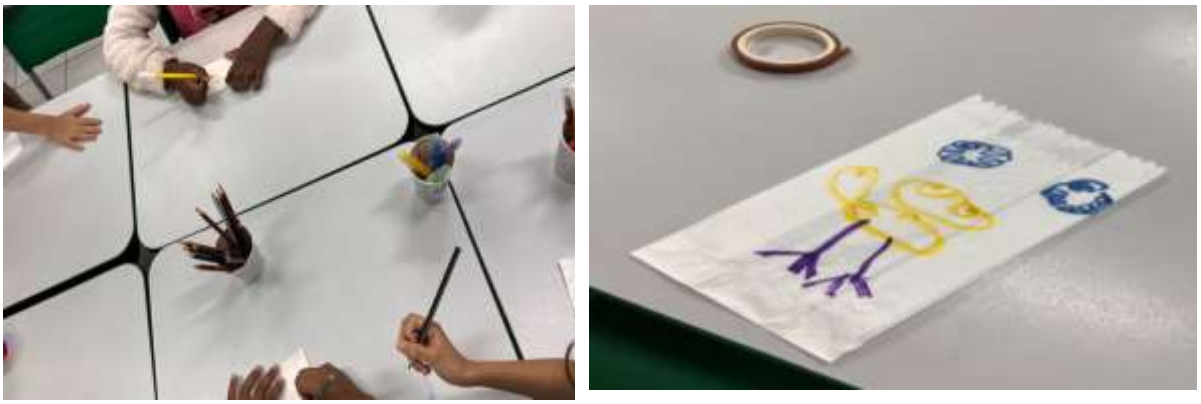
deste direito e, por consequência, não inserem em seus cotidianos a cultura de frequentar espaços museais. Logo, a oficina Clubinho Gráfico foi, para muitos deles, o primeiro contato que tiveram com as artes para além das presentes nos livros oficiais do Ministério da Educação (Mec) e de seus celulares.

Acosta (2021), com base na pedagogia libertária e sob influência dos anarquismos, valoriza o uso pedagógicos de zines e e-zines por situá-las como práticas de resistências culturais e por seu caráter coletivo frente às individualidades impostas pelo ultraliberalismo contemporâneo. Outro ponto que vale a pena salientar é que o público-alvo onde se realizou a referida oficina de criação de bottons - alunos do 2’ ano do Ensino Fundamental I - já nasceu conectado às redes sociais e com smartphones e tablets em mãos, fazendo com que estas oficinas tivessem um caráter de ineditismo.

A oficina foi realizada no dia 28 de novembro de 2025 e, desde seu início, as crianças demonstraram grande curiosidade e animação, com olhares atentos e sorrisos contagiantes, ao passo que com muito zelo os oficineiros do Clubinho Gráfico contavam histórias e davam exemplos que estimulavam a criatividade e a imaginação dos alunos.

Metodologicamente, cada criança criou 2 desenhos: o primeiro, serviu para induzir a criatividade, estimular a interação entre as/os alunas/os e os oficineiros para sanar dúvidas, bem como para darem dicas às crianças; já o segundo desenho, foi para confecção oficial do bóton final. Com base nestas informações, as crianças se dirigiram à mesa principal, repleta de papéis coloridos, fitas brilhantes, cola, lápis, canetinhas e giz de cera.

Figura 1: Interação entre os alunos compartilhando materiais e ideias no momento inicial da oficina



Fonte: Acervo dos autores 1 e 2 (2025)

O fazer coletivo é de grande importância na oficina desenvolvida porque permite que as crianças lidem com as diferenças, ou seja, “sabemos que esses artefatos, enquanto produção

humana caracterizada por diferentes marcadores sociais das diferenças, como gênero, sexualidade, raça, etnia, entre outros, têm currículo e pedagogia cultural" (Andrade; Duque, 2025, p. 246). Deste modo, as multiplicidades existentes no fazer cultural são entrecruzadas pelas singularidades das próprias crianças situadas em seus próprios contextos históricos e sociais. Neste sentido, quais desejos as mobilizaram na escolha de desenhar um personagem?

O acaso experienciado na oficina permitiu deslocar as crianças às novas formas de se expressarem por meio de suas próprias produções artísticas, como se poderá ver ao longo desta seção. Isso decorre porque, conforme atestado por Ignácio (2025) "a mídia, em um emaranhado de narrativas e imagens envolventes, opera como um potente dispositivo pedagógico" (p. 87) capaz de influenciar os gostos das próprias crianças.

Com base nisso, entendemos que quando as crianças escolheram produzir um determinado desenho em detrimento de outro, há ali a presença de uma pedagogia cultural que influenciou suas escolhas. Sendo todos nós fabricantes de culturas e também fabricados por elas, os nossos gostos e desejos acabam sendo influenciados pelo padrão de consumo em voga.

O lúdico se apresenta, neste caso, como um reflexo materializado de seus próprios desejos. Não obstante, os desenhos retratados pelas crianças tinham semelhanças e influências com aqueles vistos e/ou assistidos por elas em suas casas, fossem nas televisões ou celulares, como se pôde ver na Figura 1.

Já a seguir, pode-se perceber que a interação das crianças com os oficineiros - até, então, pessoas desconhecidas por elas - foi facilitada tanto pelo fazer artístico do ato de desenhar como também pela curiosidade presente nestas faixas etárias. Outro ponto que vale destacar, conforme destacado por Acosta (2022) é a compreensão de que a escola é um espaço de segurança e, por isso, elas podem explorar novos mundos mediados pela professora e pelos PIBIDianos.

Figura 2: Alunos da UME interagindo entre si, com os oficineiros, PIBIDianos e professora



Fonte: Acervo dos autores 1 e 2 (2025)

Valorizar a escola como um espaço de acolhimento às diferenças e proteção às infâncias é de grande importância no momento atual em que, invariavelmente, as instituições de ensino estão sob constante ataque de setores reacionários da sociedade brasileira. Evidentemente, aqui não há uma percepção superestimada da escola, pois se reconhece que, quando ela não está sustentada em bases legais e se influencia por perspectivas para além dos documentos oficiais, ela também pode se tornar espaço de opressão às diferenças e dissidências.

Foi com base nisso que as práticas desenvolvidas na oficina foram orientadas pela Educação aos Direitos Humanos e pelo respeito entre todas/os, principalmente porque "o currículo se relaciona à produção sócio-histórica de poder por meio de produção de regras e de padrões de verdade, da seleção, organização, hierarquização e avaliação do que é definido como conhecimento/conteúdo escolar" (Junqueira, 2012, p. 2).

O se expressar por meio de desenhos a serem posteriormente consolidados em bótons permitiu aos PIBIDianos, oficineiros e à professora maiores compreensões sobre os cotidianos das crianças e seus gostos pessoais. O mesmo pôde ser identificado quando das relações interpessoais das crianças com os próprios colegas e os oficineiros ali presentes.

As crianças, ao vivenciarem uma prática educativa não esperada, diferente daquelas comumente presentes em seus cotidianos, demonstraram amplas variedades de emoções. Da vergonha à coragem e da curiosidade ao desmistificar, seus interesses e dedicação puderam ser percebidas à medida que desenvolviam seus desenhos.

Entende-se, portanto, que quando a escola está aberta à pedagogia do acontecimento - aquela em que se tem um fim a se chegar, mas que não se sabe quais rizomas serão escolhidos

para tal - as trocas e as vivências serão, consequentemente, múltiplas e plurais. Daí, então, o porquê que se busca tanto cercear o trabalho docente e censurar as escolas no contemporâneo.

A seguir, apresentaremos duas imagens com os resultados finais da oficina e os bótons criados pelos próprios alunos da UME.

Figura 3: Boton finalizado com a ajuda dos oficineiros, PIBIDianos e professora



Fonte: Acervo dos autores 1 e 2 (2025)

Para este momento, o oficineiro, a professora e os PIBIDianos conduziram a confecção dos bótons, permitindo que cada aluno realizasse a prensa final, sob supervisão destes, com o objetivo que elas pudessem se sentir contempladas em todos os momentos de feitura dos bottons. Olhares de surpresa, risadas e expressões de orgulho mostravam a alegria ao verem suas criatividades materializadas em bótons que poderiam ser levados para casa e mostrá-los às suas famílias, bem como ornar roupas e mochilas.

Ao final, uma dinâmica de troca trouxe ainda mais encantamento: cada desenho foi colocado em envelopes, misturado pelos organizadores e entregue aleatoriamente, de modo que cada criança recebesse o bóton de um colega. O momento gerou felicidade, curiosidade e encantamento, reforçando o sentimento de pertencimento, a valorização do trabalho coletivo e o prazer da descoberta.

4 CONCLUSÃO

A oficina pedagógica realizada na escola foi uma experiência positiva e muito significativa para os alunos da UME e para os oficineiros, PIBIDianos e à professora. Constatamos que a atividade ajudou a desenvolver a criatividade, a participação e a troca de

experiências entre as crianças, tornando o aprendizado mais interessante e colaborativo.

A oficina do Clubinho Gráfico contribuiu para fortalecer valores como troca, pertencimento e valorização do trabalho coletivo, além de incentivar a interação e o envolvimento dos alunos, promovendo o respeito pelas produções dos colegas e o trabalho em grupo com base no respeito aos Direitos Humanos.

A oficina mostrou-se não apenas uma oportunidade de expressão artística, mas também uma experiência social e emocional interessante, na qual a criatividade, a interação e o aprendizado se entrelaçaram de forma lúdica e significativa para cada participante.

Pudemos perceber que as oficinas pedagógicas são importantes no contexto escolar, pois ajudam no aprendizado, desenvolvem a criatividade e promovem o crescimento social e emocional das crianças. Já a experiência no PIBID ajuda a fortalecer a formação dos futuros professores, unindo teoria e prática, desenvolvendo habilidades de ensino e valorizando a carreira docente desde a formação inicial dos licenciandos.

Por fim, em tempos em que a escola e os professores estão sob constante fogo cruzado por disputas políticas e no cerne da agenda reacionária brasileira, fortalecer práticas educacionais outras, influenciadas pelo currículo cultural e pelos estudos culturais em educação nos permitiram não apenas reinventar o fazer educacional, com base na pedagogia do acontecimento, como também experienciar múltiplas linguagens comunicacionais que permitiram às crianças vivências plurais de si.

5 AGRADECIMENTOS

Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior – CAPES pela concessão de bolsas do Programa de Iniciação à docência PIBID 2024-2026

A Secretaria de Educação – SEDUC da Prefeitura Municipal de Santos pela parceria com as escolas municipais

A Universidade Santa Cecília – UNISANTA pelo apoio Institucional ao Programa PIBID

6 DECLARAÇÃO DE USO DE IA

Eu, Jefferson Teixeira dos Santos, declaro que, durante a elaboração deste trabalho, utilizei a ferramenta CHATGPT para correção ortográfica e de pontuação, bem como e sistematização e tradução do resumo. O conteúdo gerado foi revisado, editado e validado por mim, que assumo total responsabilidade pelo texto final."

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA, Tássio. Potencialidades dissidenciais no uso de zines e-ezines como metodologia para o ensino libertário. In: Sílvio Gallo; Rodrigo de Almeida Ferreira. (Org.). **Educação Anarquista:** Explorações contemporâneas. 1ed.São Carlos: Pedro & João Editores, 2021, v. 1, p. 67-84.

_____. **Anarqueologia do pânico moral.** Tese de Doutorado em Educação. Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 2022.

ANDRADE, Mirian dos S; DUQUE, Tiago. Currículo torcido e pedagogia cultural antífluor: reflexões sobre diferenças e desinformação em saúde bucal In: OLIVEIRA, Danilo A. de; MAKNAMARA, Marlécio; RIBEIRO, Paula R. C. **Pedagogias e currículos culturais não escolares:** culturas digitais, diferença e subjetivação. Curitiba: CRV, 2025.

AZEVEDO, Daniela de; VERSUTI, Andréa Cristina; SCARELI, Giovana. O belo, o feio e o grotesco feminino no digital: tensões estéticas e regulação do corpo em A Substância. **EDUCAÇÃO E FILOSOFIA (ONLINE)**, v. 39, p. 1-41, 2026. Disponível em https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/download/77606/42999 acesso em 22 abr. 2026

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/ Acesso em 21 abr. 2026

CAMOZZATO, Viviane Castro. Currículos culturais não escolares: o que se aprende ao colecionar parcelas do mundo? **Diversidade e Educação**, [S. l.], v. 13, n. especial, p. 30–44, 2025. DOI: 10.63595/de.v13iespecial.19442. Disponível em: https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/19442. Acesso em: 21 abr. 2026.

FELICIO, Helena Maria dos Santos. O PIBID como "terceiro espaço" de formação inicial de professores. **Rev. Diálogo Educ.** [online]. 2014, vol.14, n.42, pp.415-434. ISSN 1981-416X. Disponível em http://educa.fcc.org.br/pdf/de/v14n42/v14n42a06.pdf acesso 21 abr. 2026
Disponível em: https://www.novomilenio.inf.br/santos/h0250i.htm. Acesso em: 09 Jan. 2026.

IGNÁCIO, Patrícia. Entre artefatos culturais, escolarização e narrativas orais infantis: a educação básica sob as lentes dos estudos culturais em educação. **Textura** (Ulbra), v. 27, p. 79–108, 2025. Disponível em: http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/issue/view/418 .

JOAQUIM, Felipe Ferreira; CAMARGO, MARIA ROSA RODRIGUES; MARTINS, D. E. Revisão bibliográfica: oficinas. **Educação em Revista**, v. 36, p. e218538, 2020. Disponível em https://www.scielo.br/j/edur/a/J5G58pGL7dHCzHF36S94mZs/?format=pdf&lang=pt Acesso em: 10 Jan. 2026.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Pedagogia do armário e currículo em ação: heteronormatividade, heterossexismo e homofobia no cotidiano escolar. In.: MISKOLCI, Richard. (org.). **Discursos fora de Ordem:** descolocamentos, reinvenções e direitos. São Paulo: Annablume, 2012. (Série Sexualidades e Direitos Humanos)

LINS, Maria Judith Sucupira da Costa; MIYATA, Edson Seiti. Avaliando a aprendizagem de criatividade em uma oficina pedagógica. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 16,

p. 455-468, 2008. Disponível em: [https://www.scielo.br/j/ensaio/a/XMCsyY4Q3mRyn6vwfwgSyfz/?format=pdf&lang=pt] Acesso em: 10 Jan. 2026.

SILVA JUNIOR, Alcidesio O. da. Uma revolução e sua bolsinha vermelha: guerrilha queer em um currículo-desbunde. In: OLIVEIRA, Danilo A. de; MAKNAMARA, Marlécio; RIBEIRO, Paula R. C. **Pedagogias e currículos culturais não escolares:** culturas digitais, diferença e subjetivação. Curitiba: CRV, 2025.